

**PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE 2008**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

**COLÉGIO ESTADUAL TSURU OGUIDO**

**GIANE DE SOUZA SILVA**

**Título: História Local: uma experiência em educação  
histórica**

Londrina

2009

GIANE DE SOUZA SILVA

**Título: História Local: uma experiência em educação histórica**

Artigo apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2008, programa de formação continuada promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná e participação da Universidade Estadual de Londrina no biênio 2008/2009.

Orientadora: Professora Dra. Marlene Rosa Cainelli

Londrina

2009

**Título: História Local: uma experiência em educação histórica**

Giane de Souza Silva

[giane@seed.pr.gov.br](mailto:giane@seed.pr.gov.br)

Professora PDE – Área de História

Resumo: O presente artigo partiu de uma experiência educativa em sala de aula, com alunos entre 10 e 13 anos, estudantes da 5ª série do ensino fundamental do Colégio Estadual Tsuru Oguido, Londrina/PR tendo como modelo a referência teórica da educação histórica, e tem como objetivo primeiro conhecer as ideias prévias dos alunos a respeito da história de Londrina. É uma experiência de investigação-ação no que concerne a cognição histórica e levando em consideração a construção científica sobre a história local a partir de evidências.

Palavras Chaves – Educação histórica – ideias prévias – História Local – Narrativa histórica – metacognição

Abstract:

This article started with an education experience built in classroom, with students between 10 and 13 years old, students from the fifth series of elementary school of Colégio Estadual Tsuru Oguido Londrina/PR, it has as patterned the historical education theory and has as first aim to understand the students' previous ideas about the history of Londrina. It's an experience built investigation-action that concerns the historical cognitive and taking into consideration the scientific construction about the local history from evidences.

Key-words: Historical education – previous ideas – local history – historical narrative – metacognition

O trabalho apresentado neste artigo trata de uma experiência educativa em sala de aula, tendo como modelo a referência teórica da educação histórica, tem como objetivo primeiro conhecer as ideias prévias dos alunos a respeito da história de Londrina, partindo de um processo de reflexão sobre as práticas educativas. É uma experiência de investigação-ação no que concerne a cognição histórica e levando em consideração a construção científica sobre a história local. Entendemos que a história ensinada precisava levar outros fatores em consideração no processo de ensino e aprendizagem, como por exemplo, as ideias prévias dos alunos.

A proposta dessa prática educativa visa a uma nova forma de aprendizagem que considera o saber adquirido anteriormente pelos alunos, bem como todo conhecimento cultural que adquiriu em sua vivência. Buscou-se perceber junto aos alunos a compreensão dos mesmos da História de Londrina, quais suas referências e se, através das atividades propostas, os alunos alcancem a metacognição.

Pretendemos com este estudo discutir historicamente conceitos centrais para a aprendizagem da história, utilizando-se de conceitos, os quais Peter Lee (2001) denomina de conceitos segunda ordem por serem essenciais para a construção do pensamento histórico. Este trabalho se insere dentro das discussões da importância da história local no ensino de história e para a construção do conhecimento histórico. Os conteúdos básicos da 5ª série do Ensino Fundamental foram problematizados por meio da contextualização espaço-temporal das ações e relações dos sujeitos a serem abordados em sua diversidade étnica, de gênero e de gerações.

A proposta educativa foi aplicada para a 5ª série (ensino de 8 anos) do ensino fundamental no Colégio Estadual Tsuru Oguido, na cidade de Londrina, Paraná. Pretende-se com este trabalho uma contribuição para a concepção dos alunos sobre a história ensinada. A turma é formada por 42 alunos, entre 10 e 12 anos, moradores dos Bairros Santa Rita, Maria Lúcia, Santa Madalena, Santo André, Leonor entre outros.[\[1\]](#)

Ressalta-se que a produção dessa experiência foi fruto do Programa de Desenvolvimento Educacional, promovido pela Secretaria de Estado da Educação

do Estado do Paraná junto a professores do ensino fundamental e médio. Durante o primeiro ano (2008), os professores foram liberados integralmente da sala de aula e/ou escola para participarem de cursos oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior e pela Secretaria de Estado da Educação. Durante todo o período (2008-2009) foram realizadas reuniões, orientadas por um professor destas instituições, para que fossem feitos os seguintes trabalhos: leitura, fichamento e debates sobre o ensino de história; elaboração de projeto de implementação; elaboração de material pedagógico; elaboração de fichas e atividades para serem aplicadas em sala de aula; discussões acerca da implementação e orientação para elaboração do presente artigo. O processo de implementação contou também com o auxílio de dez professores (as) do colégio, que se reuniram periodicamente (32 horas) para debater o texto, analisar o material pedagógico, avaliar as questões apresentadas, bem como os resultados obtidos.

### **Ensino de história e história local**

Foram privilegiados os contextos ligados à história local e do Brasil em relação à história da América Latina, da África, da Europa e Ásia. Foi desenvolvida a análise das temporalidades (mudanças, permanências, simultaneidades e recorrências) e das periodizações.

Para dar conta da proposta de ensino de história para a 5ª série, Gonçalves (2007, p. 177) cita Alain Bourdin, o qual afirma o local como um lugar de “sociabilidade marcado pela proximidade e pela contiguidade das relações entre os sujeitos que as estabelecem” (...) “sido articulado ao conceito de comunidade”, isto é, o local aparece como categoria de análise. Para tanto, ao “... conceber a história local como campo de produção de uma consciência histórica” entendida como “dimensão de um saber ordenado e ordenador e que, nessa qualidade, condiciona a própria percepção das experiências de vidas partilhadas por determinados sujeitos”. A experiência educativa nos permitirá perceber o sentimento de pertencimento dos alunos em relação ao local, isto é, a cidade em que vivem. (2007, 176)

O estudo da história local e, no caso, o estudo do período de chegada e encerramento da ferrovia em Londrina só tem sentido se fizermos uma abordagem que articule o macrossocial com o microssocial.

Ainda sobre a história local podemos afirmar que esta ajuda a recuperar

elementos como a “tríade história-memória-identidade, identificando a chave da compreensão e de deslocamento da escala de noção com categoria privilegiada das produções historiográficas acadêmicas e didática”, e permitindo uma reflexão sobre o local, unidade próxima e contígua, historicizando e a problematizar o sentido de suas identidades, relacionando-se com o mundo de forma crítica, mudando, ou não, como sujeitos, a própria vida.” (GONÇALVES, 2007, p. 180 -182)

O entendimento das novas concepções epistemológicas no campo historiográfico demonstra que o conceito de fonte histórica ultrapassa as publicações do material didático e documentos históricos. São definidas como “qualquer objeto que possua vestígios da trajetória humana, seja fotografias, diários, áudios e vídeos, ou qualquer outra informação de qualquer pessoa.” (ORLA, 2007, p 73).

Não cabe aqui recuperar todo o histórico dos debates e surgimento de novas escolas históricas desde o século XIX até os dias de hoje o que pode ser feito ao pesquisar a obra de SHIMDIT e CAINELLI (2004), *Ensinar História*, e também sobre as correntes historiográficas as novas Diretrizes Curriculares História do Estado do Paraná (2008) pode nos apontar claramente o desenrolar das teorias e procedimentos. Para tanto, preocupou-se com a definição de alguns conceitos que nos parecem imprescindíveis para o trabalho a ser desenvolvido.

Segundo SHIMDIT e CAINELLI, podemos definir fonte histórica como “fragmentos ou indícios de situações já vividas, passíveis de ser explorada pelo historiador”. As autoras retomam ainda que a valorização do documento como “recurso imprescindível ao historiador foi um fenômeno do século XIX”, sendo que o trabalho de quem escreve história, do historiador, seria extrair informações do documento, mas não acrescentar nada, com o objetivo de “mostrar os acontecimentos tal como tinham sucedido”. Essa forma de fazer história contaminou o ensino de história “tradicional e positivista”, com o objetivo de explicar a “genealogia da nação”, sendo o documento histórico uma fonte irrefutável da verdade e realidade passada. O aluno apenas recebia o que os historiadores tinham analisado e determinado como verdade histórica. (2004, p. 90-91)

As mais recentes correntes historiográficas definem, dessa forma, as finalidades do ensino de história, que significa “necessariamente repensar seu uso em sala de aula, já que sua utilização é indispensável como fundamento do método

de ensino, principalmente porque permite o diálogo do aluno com realidades passadas e desenvolve o sentido da análise histórica.” (SHIMIDT ; CAINELLI, 2004, p, 94).

Professores/alunos devem recorrer às fontes documentais, preferencialmente partindo do seu cotidiano. “Partir do cotidiano dos alunos e do professor significa trabalhar conteúdos que dizem respeito à sua vida pública e privada, individual e coletiva” (SCHMIDT ; CAINELLI, 2004, p. 53).

Oliveira recupera a problemática levantada no tocante aos objetivos quanto ao ensino de História, utilizando-se das afirmações de Agnes Heller e Jörn Rüsen por entender “que suas reflexões podem contribuir, significativamente, nas relações que propomos estabelecer entre a vida cotidiana, a vida não cotidiana, o Cotidiano Escolar e o ensino de História”. Citando Heller, Oliveira, afirma:

“a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões e ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua (OLIVEIRA: 2008, 17)

As Diretrizes Curriculares para o Ensino de História do Estado do Paraná (2008) reafirmam a questão de que a produção do conhecimento, pelo historiador, requer um método específico, baseado na explicação e interpretação de fatos do passado. Utiliza-se a problematização para produzir uma narrativa histórica que tem como desafio contemplar a diversidade das experiências sociais, culturais e políticas dos sujeitos e suas relações.

Segundo Schmidt e Cainelli (2004), faz-se necessário a recuperação do método da História em sala de aula. Sendo que o método aplicado em sala de aula também deve considerar que as ideias históricas dos alunos são marcadas pelas suas experiências de vida e pelos meios de comunicação. As ideias históricas são conhecimentos que estão em processo de constante transformação. O professor, ao considerar estas ideias, pode definir os conteúdos específicos e temas a serem trabalhados em sala de aula, bem como problematizá-los. Ao lançar a

problematização, aliada à historiografia e ao trabalho com documentos, permite-se ao aluno a compreensão da construção do conhecimento histórico. Problematizar o conhecimento histórico “significa partir do pressuposto de que ensinar história é construir um diálogo entre o presente e o passado, e não reproduzir conhecimentos neutros e acabados sobre fatos que ocorreram em outras sociedades e outras épocas.” (SCHMIDT ; CAINELLI, 2004, p. 52)

Ainda segundo Schmidt e Cainelli:

“No ensino da História, problematizar é, também, construir uma problemática relativa ao que se passou com base em um objeto ou um conteúdo que está sendo estudado, tendo como referência o cotidiano e a realidade presentes dos alunos e do professor. Para a construção da problemática é importante levar em consideração o saber histórico já produzido e, também, outras formas de saberes, como aqueles difundido pelos meios de comunicação.” (2004, p. 52) A problematização pode ser o pontapé inicial da aula de história, uma “maneira de iniciar o planejamento de ensino e de organizar a aprendizagem”, tendo como principal objetivo “colocar questões, indicar caminhos a serem percorridos, estabelecer possibilidades de análise do passado.” (2004, 53)

Para tanto, ao trabalhar com a história local como estratégia de ensino de introduzir conteúdos, além dos manuais didáticos articulando conteúdos nacionais e mundiais, leva-se o aluno a desenvolver a consciência histórica, pois consegue perceber a história da sua localidade sendo parte dela. Para Schmidt, a consciência histórica dá à vida uma "concepção do curso do tempo", trata do passado como experiência e "revela o tecido da mudança temporal e na qual estão amarradas as nossas vidas, bem como as experiências futuras para as quais se dirigem as mudanças." Citando Rüsen, a autora coloca consciência histórica relacionando “ser (identidade) e dever (ação) em uma narrativa significativa que torna os acontecimentos do passado com o objetivo de dar identidade ao sujeito a partir de suas experiências individuais e coletivas e de tornar inteligível o seu presente, confirmando uma expectativa futura a essa atividade atual”. (2007, p. 194)

Além disso, a consciência histórica tem uma “ função prática”: dar identidade aos sujeitos e fornecer a realidade em que eles vivem uma direção temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da



memória histórica." (2007,p. 105)

Trabalhar com a memória histórica da cidade de Londrina, focalizando na mudança da paisagem urbana com a chegada e permanência da ferrovia e seus espaços construídos, modificados e mantidos como memória coletiva, permite lidar com uma simbologia muito forte para a cidade e seus habitantes. Segundo Cainelli (2008), em se tratando da História da cidade “existe um significado apropriado pelos sujeitos que transitam pelos locais chamados históricos e contam aos seus filhos algo sobre a cidade onde moram”. Como é o caso do Museu Histórico, “que fica no centro da cidade ao lado do terminal de ônibus urbano onde circulam diariamente centenas de pessoas”. Ainda em um projeto que existe na cidade de Londrina “conhecer, conhecer Londrina” voltado para os alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental da rede municipal foram estabelecidos roteiros para visitas no que se considera pontos históricos da cidade com “placas espalhadas pela cidade que denunciam “Aqui tem História”, existindo ainda “o memorial do Pioneiro” que fica em uma praça também no centro da cidade” .

Cainelli cita Hobsbawn quando o autor afirma que

“Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza deste “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações”. (HOBSEBAWN, 1998:22 apud CAINELLI, 2008).

Ao optar por fazer um recorte epistemológico a respeito da ferrovia em Londrina se faz necessário discutir a história local e regional dentro da perspectiva do ensino de história. Para o uso da história local do ensino da História, Schmidt e Cainelli (2004, p. 112) afirmam ser necessário observar duas questões:

“Em primeiro lugar, é importante observar que uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo, por processos históricos mais amplos. Em segundo lugar, ao propor o ensino de história local como indicador da construção de identidade, não se pode esquecer de que, no atual processo de mundialização, é importante que a construção de

identidade tenha marcos de referência relacionais, que dever ser conhecidos e situados, como o local, o nacional, o latino-americano, o ocidental e o mundial. (2004, p.112)

A história local pode ser usada como estratégia de aprendizagem, estratégia pedagógica do ensino de história, como “elemento constitutivo da transposição didática do saber histórico para o saber histórico escolar”. Para Schmidt e Cainelli, o estudo da história local pode “garantir uma melhor apropriação do conhecimento histórico baseado em recortes selecionados do conteúdo, os quais serão integrados no conjunto do conhecimento”. (2004, p. 113).

Sendo assim, estudar a história local ou a história regional “contribui para uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na possibilidade de ver mais de um eixo histórico local e na possibilidade da análise de micro-histórias, pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidade.” (SCHMIDT ; CAINELLI, 2004, p.113)

Entre os objetivos do ensino de história local, destaca-se a importância do aluno conhecer e aprender a valorizar “o patrimônio histórico da sua localidade, de seu país e do mundo”. (SCHMIDT ; CAINELLI, 2004, p. 114)

Segundo Schmidt (2007), o estudo da história local pode ser usado como elemento constitutivo da "transposição didática" do saber histórico científico em saber histórico escolar. A história local pode ser vista como “estratégia de ensino” quando possibilita “desenvolver atividades vinculadas diretamente com a vida cotidiana, entendida como expressão concreta de problemas mais amplos” e também “como estratégia de aprendizagem”, uma vez que o trabalho com história local pode garantir controles epistemológicos de conhecimento histórico, a partir de recortes selecionados e integrados ao conjunto do conhecimento."

Ainda, Schmidt ao argumentar sobre história local afirma que é possível "... produzir a inserção do aluno na comunidade da qual ela faz parte; criar a própria historicidade e produzir a identificação de si mesmo e também do seu redor, dentro da História, levando-o a compreender como se constitui e se desenvolve a sua historicidade em relação aos demais, entendendo quanto há de história em sua vida que é construída por ele mesmo, quanto tem a ver com elementos externos a ele - próximos/distantes; pessoais/estruturais; temporais/espaciais”.

Ao trabalhar com história local “ possibilita gerar atividade investigativa, criadas

a partir de realidades cotidianas”e; por último “permite trabalhar com diferentes níveis de análise econômicas, política, social e cultural no âmbito mais reduzido, evidenciando as diferentes dimensões e ritmos temporais, “... o trabalho com espaços menores pode facilitar o estabelecimento de continuidades e diferenças, evidências de mudanças, dos conflitos e permanências.” ( SCHMIDT, 2007, 190-191)

O trabalho com história local “pode também facilitar a construção de problematização; a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História”. Pode inserir-se, a partir de um pertencimento, numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas no espaço nacional e internacional”. (SCHMIDT, 2007, 191)

Numa “perspectiva de que a universalidade pode estar presente na particularidade”, a busca da articulação entre história local, regional, continental e mundial, pretendeu-se buscar na história da ferrovia como marco para a história de Londrina, bem como para muitas outras cidades e regiões do Estado, do Brasil e do mundo e ainda conforme preconiza as diretrizes curriculares para o ensino de história do Estado do Paraná no Ensino Fundamental, os conteúdos estruturantes – Relações de Trabalho, Relações de Poder e Relações Culturais - tomados em conjunto, articulam os conteúdos específicos a partir das histórias locais e do Brasil e suas relações/comparações com a História Geral e permitem acesso ao conhecimento de múltiplas ações humanas no tempo e no espaço. Por meio do processo pedagógico, buscou-se construir uma consciência histórica que possibilite compreender a realidade contemporânea e as implicações do passado em sua constituição. (2008)

Segundo Menezes e Silva, “perseguir, através do olhar da memória, o (re) significar de identidade sociais, que nos tornam sujeitos de um época, de um lugar, de um grupo social”. Dessa forma, a busca de conhecer e se reconhecer no espaço passado e presente garante a constituição de nossa identidade social. (2007, p.218).

Trabalhar o que restou da ferrovia, do trem, seja através de documentos escritos, mapas, fotografias e das variadas vozes que muitas vezes não aparece na memória oficial da cidade pode “possibilitar que os alunos relacionem a fisionomia da localidade em que vivem, suas próprias histórias de vida, suas experiências

sociais e suas lutas cotidianas, bem como experiências sociais e cotidianas de outras épocas. A memória torna-se, assim, elemento essencial na busca da identidade individual e coletiva.” (MENEZES; SILVA, 2007, 220)

Citando Le Goff, Menezes e Silva afirmam: “... a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje...” (2007, p. 220)

Voltar os olhos para a história da ferrovia em Londrina nas décadas de 30 a 80 do século XX permite repensar a cidade, sua história, suas possibilidades, buscando nos limites das possibilidades de estudo recuperar o vivido, utilizando-se para isso as experiências do aluno, por vezes esquecidas ou mesmos desfocadas da história do livro didático. (CIAMPI, 2007, p. 212)

As possibilidades para estudar o local deve-se às mudanças na concepção do ensino de história dos últimos quarenta anos, apontando “a existência de diversas abordagens e temáticas para o ensino de história, além de questionamentos acerca dos conteúdos curriculares, das metodologias de ensino, do livro didático e das finalidades de seu ensino.” (SHIMIDT ; CAINELLI, 2004, p.11)

### **Narrativa histórica**

De acordo com as Diretrizes Curriculares para o Ensino de História do Estado do Paraná, conforme afirma a historiadora portuguesa Isabel Barca (2000), “a aprendizagem histórica se dá quando os professores e alunos investigam as ideias históricas”. Segundo a autora, “podem ser tanto ideias substantivas da História, tais como os conteúdos históricos (Revolução Francesa, escravidão na América portuguesa, democracia etc.), como as categorias estruturais ligadas à epistemologia da História (temporalidade, explicação, evidência, inferência, empatia, significância, narrativas históricas etc.). A narrativa histórica é o princípio organizador dessas ideias. (2000,p.57)

O que significa narrar a história?

“Narrar a História é compreender o Outro no tempo. A narrativa histórica constrói-se por argumentos fundamentados em evidências. Para os alunos, esta narrativa precisa ser plausível.

Nesse sentido, ele precisa propor um diálogo entre as suas ideias históricas com as presentes nas narrativas dos historiadores, sendo assim, percebe-se que a natureza da História é interpretativa. Diante disso, os alunos devem conhecer a interpretação do outro pela narrativa histórica desse sujeito. As narrativas dos estudantes são constituídas pelas temporalidades e intencionalidades específicas deles, a partir do diálogo com as narrativas dos historiadores. ” (BARCA, 2000,P.58)

A proposta das Diretrizes leva em consideração os Conteúdos Estruturantes da disciplina de História, sendo esses conteúdos as Relações de trabalho; Relações de poder e Relações culturais que apontam para o estudo das ações e relações humanas que constituem o processo histórico, o qual é dinâmico. Por meio destes conteúdos:

“o professor deve discorrer acerca de problemas contemporâneos que representam carências sociais concretas. Dentre elas, destacam-se, no Brasil, as temáticas da História local, História e Cultura Afro- Brasileira, da História do Paraná e da História da cultura indígena, constituintes da história desse país, mas, até bem pouco tempo, negadas como conteúdos de ensino”. (DIRETRIZES CURRICULARES, 2008,p.67)

Para os anos finais do Ensino Fundamental propõe-se, nestas Diretrizes, que os conteúdos temáticos priorizem as histórias locais e do Brasil, estabelecendo-se relações e comparações com a história mundial. (DIRETRIZES CURRICULARES, 2008, p.68)

### **Metodologia de implementação do projeto de intervenção**

A aplicação da experiência educativa situa-se no domínio da cognição histórica com opção por uma metodologia que envolve a investigação-ação, devido a mesma ser realizada *in loco*, onde pretendeu-se conhecer o problema concreto na situação apresentada. Vários instrumentos foram utilizados para aplicação da metodologia, por sua vez, esse tipo de investigação possibilita modificações e ajustes nos resultados com o propósito de melhorar a organização da apresentação do trabalho.

O processo de implementação teve a duração de 16 aulas divididas da

seguinte forma:

1ª aula: Apresentação da proposta de trabalho e elaboração de narrativa histórica sobre a História de Londrina

2ª e 3ª aulas: exposição das ideias tácitas dos alunos no quadro a respeito do tema e análise de fotografias da cidade de Londrina, identificando autor, data, comentários.

4ª aula: em duplas os alunos responderam ao questionário a respeito das fotografias e escreveram um texto sobre a cidade de Londrina a partir das fotografias.

5ª, 6ª e 7ª aulas: Utilização do material pedagógico produzido: “Nos trilhos da Modernidade, a ferrovia em Londrina” através de leitura, aula expositiva, realização de atividades propostas no próprio material e debate em sala de aula.[\[ii\]](#)

8ª aula: elaboração de desenho sobre Londrina quando fundada e Londrina hoje.

9ª a 13ª aulas: visita ao Museu Histórico de Londrina o Padre Carlos Weiss.

14ª aula: A professora de Língua Portuguesa trabalhou com os alunos um resumo sobre a cidade de Londrina, elaborado no grupo de Apoio.

15ª aula: Elaboração da segunda narrativa histórica sobre a história de Londrina.

16ª aula: Comparação entre a primeira e a segunda narrativa histórica na perspectiva da metacognição.

### **Processo de experiência na sala de aula**

A experiência na turma da 5ª série do ensino fundamental inseriu-se na proposta dos conteúdos estruturantes Relações de Poder, Trabalho e Cultura tendo como tema a História Local na busca de entender o regional, nacional e mundial. Num primeiro momento foi aplicado o questionário para conhecer as ideias prévias dos alunos. Material esse individual que seria analisado a partir da ficha (Análise das ideias tácitas dos alunos – Conceitos alternativos: Subjetivos e senso-comum e Conceitos históricos: aproximados e científicos (FERREIRA, et al, 2004, p. 166)

Na elaboração do questionário permitiu-se ao aluno expor livremente as ideias já adquiridas na aprendizagem informal, comunicando-o da importância do projeto, da necessidade de que escrevessem o que sabiam a respeito do tema, sem preocupar-

se com a nota. Sabendo quem era o público-alvo, crianças na 5ª série do ensino fundamental (de 8 anos) com a maioria dos estudantes com idade entre 10 e 11 anos, foi preciso estabelecer a tranquilidade quanto à realização do trabalho a ser desenvolvido durante 16 aulas, praticamente um bimestre inteiro.

Algumas questões foram propostas sobre a história de Londrina e o conceito de modernidade:

A questão da investigação que norteou o estudo foi a seguinte:

Que concepções os alunos possuem sobre a história de Londrina?

Com o objetivo de saber sobre as ideias prévias dos alunos foram elaboradas as seguintes questões e pedido para elaborar uma primeira narrativa histórica:

- 1) O que é moderno para você nos dias de hoje? Escreva sobre isso.
- 2) O que você acha que era moderno na época em que Londrina foi fundada (década de 1930)?
- 3) Para você, para que serve o que não é considerado mais moderno?
- 4) Onde você acha que estão as coisas que não são modernas?
- 5) Você acha que o trem é moderno hoje em dia ou já foi moderno no passado. Escreva por quê.
- 6) Elabore uma narrativa histórica sobre a história de Londrina.

Após os alunos responderem ao questionário proposto, foi utilizada uma categorização das diferentes ideias apresentadas considerando dois níveis de ideias: Conceitos Alternativos e Conceitos “Históricos”, sendo os conceitos alternativos subdivididos em dois: conceitos subjetivos e conceitos de senso-comum, e os conceitos “históricos” também em dois: conceitos aproximados e conceitos “científicos”. (FERREIRA et al, 2004, p. 152-3)

## EXPLORAÇÃO DAS IDEIAS TÁCITAS DOS ALUNOS

Conceitos subjetivos	Conceitos senso comum	Conceitos Aproximados	Conceitos Históricos
Nova praça do japonês	Havia floresta e hoje a	Terras sem saúva	Londrina fundada em 1930
As coisas antigas são	camada de ozônio tem	Havia índios antes da	Chegada dos pioneiros
bregas hoje	buracos	ocupação	Companhia de Terras
Índios comiam mandioca	Antes não era moderno	Os portugueses	vendia os lotes
Chegavam de barcos	hoje sim	chegaram e dominaram	Chegada a Três Bocas
A cidade foi crescendo	Não tinha asfalto	Os índios já estavam aqui	Portugueses fizeram os
com o passar do tempo	Era barro, Pé vermelho	Europeus tiveram na	índios escravos
Corrupção na política	Londrina não tinha prédios	região	Chegada ao Marco Zero
Hoje uso de drogas	O trem está no museu	Muitos pés de café	Propaganda no exterior
Violência	Carros e máquinas não	Pequenos Ranchos	Londrina tem modernidade
Melhor no passado, não	eram modernos	Pedro Álvares Cabral	
havia roubos	Mulheres costuravam e	dominou e dividiu o	
Não sabe sobre o tema	homens trabalhavam na	território	
	roça	Londrina era diferente de	
	Londrina pequena Londres	hoje	
	Londrina cidade nova	Museu conta a história de	
		Londrina roxa	
		Terra fértil, Terra roxa	
		Trem hoje carrega	
		alimentos	
		Utilizavam carroças, trem	
		e animais	

Conceitos do senso comum são consideradas aquelas ideias sem qualquer sentido onde não permite compreender as ideias emergentes ou carregadas de valores subjetivos (FERREIRA et al, 2004, p.171)

. Como podemos ver no quadro acima e nos textos dos alunos\*( os nomes são fictícios):



Felipe de 11 anos:

“As pessoas antigas que chegaram aqui foram os índios, o que eu sei é que aqui era uma floresta, cheia de mato.”

Sara de 10 anos:

“Eu sei que Londrina era melhor no passado do que aqui no presente, não havia roubo e no presente há muitos roubos. No passado não havia desmatamento e nem poluição, agora você percebe que quase não tem árvores, porque estão matando a floresta, poluindo os rios. Os antigos moradores eram os índios, eles cuidavam bem de Londrina, mas os portugueses invadiram e fizeram os índios de escravos.”

Flávia de 10 anos:

“Antes de Londrina ser (...) era cheio de índios, etc...”

Renata de 10 anos:

“O que eu sei é que Londrina é minha vida e não pretendo mudar tão rápido, acho que Londrina é o melhor lugar pra se viver, é claro que em como toda cidade, infelizmente, tem tragédia, acho que nem tanto, mas..

Eu adoro Londrina, aqui eu estudo, moro.

Eu gosto em Londrina daquela praça nova, que eu falo que é a do japonês. Londrina é muito boa para morar. Londrina era uma cidade menor, sem casas, e agora é essa cidade bonita, grande, e um pouco poluída, mais tá bom.”

Numa segunda categoria “considerou-se as ideias do senso comum, que são fortemente baseadas nas experiências e vivências pessoais dos alunos, enraizadas no seu universo cultural”. ((FERREIRA et al, 2004, 171). Entre as ideias que apareceram estão:

Ana Paula de 10 anos:

“Londrina era a capital do café. Londrina em 1934 tinha bastante árvores e poucas casas, tinha fazendas. Até hoje tem, as casas eram pequenas e as pessoas de lá não eram ricas, e as árvores eram 'detonadas', eles não cuidavam das árvores, eles não tinham muito alimento para sustentar a família. Algumas pessoas tinham muitos filhos e outras não, e algumas passam fome. Essa é a história de Londrina.”

Wender de 11 anos:

“O que conheço de Londrina quando vendeu era cheia de barro, árvores. Também os europeus tomaram as terras de Londrina.”

Victor Augusto de 11 anos:

“Eu sei que Londrina foi fundada na década de 1930. Eu sei que Londrina tem várias coisas para saber dela, é ma cidade que tem violência mais isso eu espero que melhore.”

Quanto ao que consideramos de conceitos aproximados, o qual compõe afirmações que não eram totalmente erradas sobre o conceito. “Não poderia afirmar que estivessem cientificamente incorretas” e sim que o conceito não aparece suficientemente estruturado ((FERREIRA et al, 2004,p. 171). Observem as falas que se seguem:

Letícia de 11 anos:

“Eu sei que Londrina era uma floresta, que tinha índios e tinha rios sem poluição, era tudo mato, era bonito. Londrina era tudo cheia de barro, os índios comiam mandioca e milho, feijão, tabaco e o algodão são nativos dos nossos territórios que vivem muitos anos atrás, a camada de ozônio era grossa e agora tem buracos e só.”

Daryl de 11 anos:

“Eu lembro dos pioneiros chegaram em Londrina, terra roxa e era para plantar, fizeram propaganda das terras e vieram de todo o mundo. E assim foi fundada a cidade de Londrina.”

Gabriel Felipe de 10 anos:

“Quando os portugueses chegaram aqui os índios já estavam morando nessa cidade, os portugueses com a ganância de ganhar dinheiro dominou nosso território.”

Em relação aos conceitos científicos, na primeira narrativa histórica, percebe-se que o conceito não estava ainda construído de forma elaborada, aparecendo de forma muito simples em relação ao conteúdo e da linguagem usada, sendo que as falas são curtas, como se apresentassem uma certa insegurança em relação ao tema.

Vitor Hugo de 10 anos:

“Londrina foi fundada em 1930 e naquela época o que hoje é brega lá era moderno tipo: máquina de escrever, trem, charanga, carroça e etc. Naquela época o norte do Paraná era considerado

a capital do café (Londrina). Londrina foi fundada pelo CTNP (Companhia de terras Norte do Paraná) e foi loteada em 1930 e o CTNP foi fundado pelos ingleses.

Willian de 10 anos:

“Londrina foi fundada na década de 1930. Londrina era a capital do café. Muito tempo antes o museu era a estação de trem. Antes tinha casas de pau-a-pique. Londrina era uma cidade pobre.

Ariadny de 11 anos:

“Londrina que começou pequenina com ranchos. Companhia para venda de lotes. Londrina com terras sem saúvas. Londrina com índios. Londrina com florestas Londrina com agora várias pessoas. Londrina de comércio. Londrina de casas, teatros, colégios, escolas. Londrina vida de uma criança, de um adulto, de um idoso.”

Após a elaboração da primeira narrativa histórica foi colocado no quadro as ideias dos alunos a respeito do tema e realizado um debate sobre o conteúdo, se já haviam estudado, quando, se conheciam os lugares que citavam em seus textos, se os parentes próximos comentavam sobre a história da cidade. Dessa forma, foi possível preparar uma aula expositiva sobre a história da cidade e o que se julga importante a partir das ideias prévias dos alunos. Logo após o debate caloroso, foi dado aos alunos algumas fotos que dizem respeito a diferentes épocas da cidade de Londrina e aplicado um questionário sobre a história da cidade e sobre as pessoas que viviam na cidade antes e depois da década de 30, como viviam as pessoas do passado e como vivem hoje, existe diferenças, quais e ainda elaborarem em duplas um texto que falasse da história de Londrina a partir das evidências, isto é, as fotos. (em anexo)

A questão número três pergunta Você acha que existe diferença entre Londrina do passado e hoje? Quais.

Victor Hugo e Daryl:

“São muitas, prédios, casas, etc.”

Willon e Victor:

“Eu acho. As diferenças são as casas na época era de madeira e hoje é de tijolo. A estação de trem mais moderna, as ruas eram de barro e

hoje são de asfalto.”

Marcelo e Jeffersosn:

“ A estação de trem em 1935 e agora ela é um museu.”

Marina e Giovana

“Sim, as diferenças são as casas no ano de 1934, elas eram feitas em cima de troncos e tinha muito mato. Já em 1935 foram evoluindo e existiu a primeira estação de trem, de Londrina e nas 3 fotos as casas são muito diferentes...”

Carlos e Gabriel:

“Sim que antes tinha muitas árvores e hoje quase não tem só tinha casas e hoje tem prédio e muito tecnologia.”

Percebe-se na fala dos alunos que a questão da diferença entre o passado e o presente está na paisagem da cidade, antes era mato e hoje tem prédios. A cidade foi crescendo e os espaços foram sendo ocupados e onde havia floresta não há mais, onde havia casas de madeira há casas de tijolos e onde não havia tecnologia, hoje há muita. Para os alunos, a cidade cresce e a paisagem urbana muda, o que servia como estação de trem hoje é usado como museu, onde só havia barro, hoje já possui asfalto. É a modernidade e a tecnologia permitindo que a cidade se apresente como hoje.

Outra pergunta foi proposta: Como viviam as pessoas do passado em Londrina? E hoje?

Victor Hugo e Jorge:

“Algumas pessoas viviam em casas de madeira, e em vez de viajar de avião eles viajavam de trem” e hoje “ modernos”.

Carlos e Gabriel:

“ Elas ficavam doentes porque tinha muito mato e onde tem muito mato, tem cobra, inseto e outros animais” e hoje “ Muito bem hoje, a tecnologia já avançou e antes quase não tinha esses carros modernos por isso que hoje as pessoas vivem muito bem.”

Henrique:

“ Bem, mas não tão bem quanto hoje” e hoje “ Muito bem, antes eles tinham veículos tão chiques ,antes para fazer pesquisa

tinham que usar o livro, hoje tem a internet.”

Letícia e Kawane:

“ Sim, porque era mais calmo, não tinha ladrões” e hoje “melhor , porque eles não andam no barro, só que eles também agora tem muitos roubos.”

Lucas e Pedro:

“ Viviam trabalhando muito” e hoje “ vivem bem, com modernidades.”

Fica evidente que os alunos consideram que as pessoas que viviam no passado tinham uma boa vida, só não tinha acesso à tecnologia de hoje em dia. Durante o debate desta questão os alunos levantaram um problema que os afeta diretamente que é poder brincar na rua livremente, subir em árvores, tomar banho nos rios, que segundo eles se podia fazer no passado e hoje não mais.

Para os alunos, as pessoas do passado não eram diferentes das pessoas de hoje só levavam uma vida diferente. Peter Lee, ao trabalhar o conceito de empatia histórica, coloca que o ponto crucial para o desenvolvimento da compreensão da história é o fato da explicação de como as pessoas pensavam no passado, dessa forma “muitos alunos compreendem que as pessoas do passado tinham as mesmas capacidades para pensar e sentir como nós, mas não viam o mundo como nós vemos hoje.” Compreender a cultura, o sistema de valores e a situações do passado permite “continuar a construir a história considerando as situações que de outra forma a poderiam paralisar.” (LEE: 2001, p. 27)

Foi pedido aos alunos em duplas para fazer um texto com o título “A história de Londrina” a partir das imagens selecionadas:

Lucas e Pedro:

Londrina no início, na década de 30 era pobre, casas de pau-a-pique, sem comércio. Já em 1935 começou a evoluir com a construção da primeira estação de trem de Londrina. Em 1938 a cidade já estava bem mais evoluída com vários comércios, casas. Na década de 70, Londrina ganha mais uma estação ferroviária. Na Londrina de hoje há prédios, mais movimento e mais modernidade.”

Wender e Daniel:

Londrina no ano de 1934 tinha muitas árvores e também casas de pau-a-pique e muitas terras e muitos fazendeiros que trabalhavam muito. No ano de 1935 tinha rodovias, trilho de trem, policiais que cuidavam da trilha de trem. No ano de 1938 tinha muitas casas, postes, ruas e também calçadas, era no centro. E no ano de 1970 tinha carros, carroças, estação de trem mais bonita, com ruas para os carros passar e calçadas. E hoje tem prédios, carros legais que as pessoas inventam e também estação de trem do passado. É agora no ano 2009 é o museu, ruas melhores para os carros passarem.”

Flavia e Karen:

“ Antigamente na época de 1934 havia muitas árvores e muitas plantações. Casas no alto e muitos cercados. Em 1935 a primeira estação de trem com uma casa escrita Londrina. Em 1938 umas lojas de madeira , já com postes de luz. Antes era estação de trem e agora é um museu histórico de Londrina. E agora, Londrina hoje, com prédios e coisas modernas.”

Como as evidências (cópias de fotografias) são datadas os alunos da 5ª série elaboram um texto onde aparece uma sequência cronológica do que estão vendo e estabelecem comparações entre o que não existia quando Londrina foi ocupada e o que foi aparecendo no decorrer do tempo. Foi pedido que os alunos levassem para casa as cópias das fotografias e mostrassem aos pais/responsáveis para que pudéssemos debater numa próxima oportunidade.

Nas aulas seguintes foram trabalhados os conteúdos referentes à História Local com a utilização do material pedagógico produzido na fase anterior do PDE com o título *Nos Trilhos da Modernidade: a ferrovia em Londrina* e reforços em outras disciplinas como geografia e língua portuguesa. Foram elaborados desenhos e realizada uma visita ao Museu Histórico de Londrina, os alunos escreveram um relatório sobre a ida ao museu. E, por fim, foi retomado o mesmo questionário aplicado na primeira aula e solicitado que elaborassem uma segunda narrativa histórica sobre o conteúdo.

Para perceber o nível de mudança conceitual foi feita comparação entre as respostas dos alunos nas Fichas das ideias tácitas dos alunos na primeira e segunda narrativa histórica. A categorização feita nesses dois momentos teve como conteúdo a história da cidade de Londrina, isto é, história local. As ideias dos alunos contidas na segunda narrativa histórica foram categorizadas da mesma forma que

as ideias tácitas, conforme o quadro a seguir:

## SEGUNDA NARRATIVA HISTÓRICA

Conceitos subjetivos	Conceito do senso comum	Conceitos Aproximados	Conceitos Históricos
Era uma cidade pequena	O trem foi substituído por	Trem transportava	- Londrina fundada na década de 1930 do século passado
Uso de chapéus	automóveis	peças e hoje alimentos	Localização norte do Paraná
Londrina tinha coisas que não são modernas	Muitas árvores	1934 – Londrina tinha bastante árvore	- Londrina pertencia a Jataizinho
Londrina é Linda	Não tinha asfalto	Onde hoje é museu era a estação de trem	- Para Londrina vinha gente de São Paulo e outras cidades
Tem a praça do “japonês”	Café	Os trens carregavam café	1934 – mato e primeiras casas de pau-a-pique
No passado havia reis, castelos, príncipes e princesa	Terra fértil	Onde tinha árvores hoje tem prédios	- Ferrovia chega em 1935
Londrina é maravilhosa	- Londrina Capital do café	Londrina história marcante no Brasil	- 1935 , inauguração da primeira estação de trem
Melhor lugar para morar		Primeiro nome de Londrina Marco Zero,	- Maria fumaça ((locomotiva a vapor)
Londrina foi simples e ficou rica		Londrina tinha mato e hoje	-1938 , já havia urbanização
-relatou a visita ao museu, o cachorro, tatu e galinha empalhados, berço de madeira		Prédios	1938 – Londrina não era asfaltada, tinha comércio, já não tinha muito mato
		- No passado Londrina era só centro	- 1960 – fundada a segunda estação de trem
		Considerada cidade do café	- Fundada e loteada pela CTNP, Loteada pelos ingleses
			- A chegada do trem possibilitou o crescimento da cidade
			- Casas de Pau- a- pique ii
			- Casas com chão de terra batida
			- Lord Lovat inglês
			- Londrina tinha índios e mato, Os lavradores tiraram os índios
			- Primeiro era para produzir algodão
			- Importância do café
			- Trem considerado modernidade
			- Geada negra
			- Patrimônio Três Bocas
			- Pioneiros
			- Abertura de picadas para chegar em Londrina
			- As coisas estão preservadas no museu
			-- Primeira Hidrelétrica no Parque Arthur Thomas
			- Fazia propaganda das terras férteis

Após a análise comparativa dos dados categorizados do quadro 1 e quadro 2 constatou-se uma mudança de conceito por parte dos alunos. Na primeira Narrativa histórica, os mesmos apresentavam dificuldades ao referir-se às características do conteúdo proposto, e quando o faziam, as mesmas apareciam de uma forma muito simplista, quase sem conteúdo e os conhecimentos que demonstravam eram muito incipientes. Quando os alunos elaboram a segunda narrativa histórica já se percebe que os mesmos detêm um maior número de saberes como periodização, localização no espaço, conceito de colonização, presença indígena, conhecimento esse que foi construído ao longo de várias aulas

Assim Gabriel C, 10 anos, em sua primeira narrativa sobre de Londrina escreveu:

“ Quando foi fundada Londrina não tinha calçada. Era terra, não tinha carros igual os de hoje mas tinha carroça, não tinha computador, mas tinha máquina de escrever, as televisões não eram coloridas como hoje.

Quem fundou o Brasil foi Pedro Álvares Cabral e daí eles repartiram em territórios e aí surgiu Londrina.”

Na segunda narrativa histórica escreveu:

“ Londrina começou a ser loteada pela CTNP, Companhia de Terras Norte do Paraná. Londrina que estava no norte do Paraná foi uma das últimas extensões de terras a serem exploradas. Então quando a CTNP chegou em Londrina fizeram um foto e mandaram para a cidade para fazer propaganda e chamar a atenção de pessoas para a compra de terras para morar. Em 1934 ainda tinha muito mato, casas de pau-a-pique e Londrina era considerada a capital do café. Em 1935 foi instalada a primeira estação de trem em Londrina para carregar sacas de café, porque os burros não davam conta de carregar. Em 1938 Londrina ainda não era asfaltada, mas tinha bastante comércio, casas maiores e não tinha tanto mato quanto tinha antes. Depois em 1940 Londrina deu uma disparada até chegar Londrina de hoje.”

A aluna Marina de 10 anos mudou-se para Londrina este ano e na primeira narrativa escreveu:

“Eu não sei por que não estudei.”



Na segunda narrativa escreve:

“Eu sei várias coisas sobre Londrina, sei que Londrina se transformou em uma cidade por causa do café, Londrina tem uma terra fértil para plantar e foi por causa de Londrina e outras cidades que o trem nasceu, como os burros não aguentavam o peso do café tiveram que trazer o trem. Primeiro foi a locomotiva a vapor que tinha uma chaminé bem grande, porque antigamente eles usavam um tipo de carvão muito escuro que tampava a visão do motorista.

Em 1935 foi inaugurada a primeira estação ferroviária de Londrina, nessa época já existia o trem e ele transportava passageiros. O primeiro trem se chamava Maria-fumaça e até hoje o trem ainda existe não só em museus mais em estradas de ferro.”

O aluno Lucas, 11 anos, escreve o seguinte na primeira narrativa:

“ Eu sei da história de Londrina que os homens que chegaram posaram onde hoje é o marco zero e seu que Londrina foi fundada em 1930 e era a maior produtora de café do mundo.”

Na segunda narrativa Lucas escreve a seguinte reflexão:

“Eu sei que Londrina foi fundada na década de 1930 pela CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná – e que o proprietário era Lord Lovat, um inglês e que Londrina começou a evoluir a partir da década de 1940. Londrina também foi uma cidade do município de Jataizinho, mas hoje é diferente, agora Jataizinho é uma cidade do município de Londrina. E também, Londrina era só mata, então os lavradores tiravam os índios para tirar o mato para expandir a cidade.”

A partir da elaboração da segunda narrativa, percebeu-se que aparecem várias características que envolvem a história local ao mesmo tempo surge uma preocupação dos alunos em contextualizar, no espaço e no tempo, a fundação de Londrina e as transformações da paisagem urbana. Também é possível perceber que os alunos adquiriam um vocabulário novo a partir de novos conhecimentos, o que não aparece anteriormente. Dessa forma, o segundo texto produzido já aparece com maior complexidade que o primeiro. (FERREIRA et al: 155)

Ao longo do processo ainda aparecem narrativas que não se modificaram mesmo com a intervenção da professora trabalhando com o conteúdo proposto. Como podemos notar na ficha da segunda narrativa histórica:

“ Londrina é linda”, “melhor lugar pra se viver”.

“Tinha coisas que não são modernas”.

### Considerações finais

O fato de aliar o trabalho teórico com a prática no contexto da sala de aula foi uma experiência enriquecedora, tanto pessoal quanto profissionalmente.

O método da educação histórica utilizada no trabalho permitiu ouvir todas as vozes e opiniões envolvidas no processo de reflexão, articulando alunos, professora regente, grupo de apoio da escola e professora orientadora. Ouvir as opiniões, debater as ideias, partilhar situações cotidianas, envolver os alunos em torno de um debate sobre a história local foi um experiência que demonstrou a viabilidade do método. Os registros construídos são riquíssimos e podem ainda ser explorados.

A experiência em questão se revestiu de grande interesse na prática de lecionar e envolveu todos os seguimentos da escola. E permitiu analisar a mudança de conceitos percebida nos alunos em reação ao conceito de história local, da modernidade, da ferrovia.

Dessa forma, foi possível submeter os alunos a um processo de metacognição, por meio do qual refletiram sobre o conteúdo e sobre a metodologia durante o processo. Ainda foi percebido que as aulas se tornaram agradáveis devido ao grande interesse dos alunos a respeito do tema. Os alunos tomaram consciência de que o enfoque dado as suas ideias prévias foi importante para que o projeto fosse tão bem-sucedido. As aulas foram envolventes e os alunos demonstraram grande curiosidade e disposição em participar das atividades propostas.

Também foi possível perceber uma mudança por parte dos alunos quanto à questão dos conceitos históricos e essa mudança também ocorreu entre os professores envolvidos, demonstradas da participação efetivas nos encontros do grupo de estudos, como em sala de aula, quando professores que lecionam na turma demonstraram grande curiosidade quanto ao método por se apresentar de maneira diferente das utilizadas até o momento.

Dessa forma, através das perguntas levantadas, da reflexão e construção sistematizada por parte dos docentes ocorreu uma modificação nos paradigmas do ensino/aprendizagem. A possibilidade da educação histórica se apresentar como um modelo aberto, dinâmico, maleável e incompleto, porque está sempre em construção afasta a forma antes utilizada planejada linearmente e apenas por objetivos.

E, finalmente, o presente trabalho pretende apresentar uma experiência de sucesso em sala de aula e que de alguma forma possa servir para a prática docente de outros professores do ensino fundamental e médio.

[\[i\]](#) Muito importante foi a participação da professora de história da turma que, além de me ceder a classe para a implementação do projeto, participou ativamente de todos os passos colaborando para o sucesso deste.

[\[ii\]](#) Durante o desenvolvimento das aulas de história, paralelamente, a professora de Geografia, Vimara Dancini e alunas estagiárias de Geografia da Universidade Estadual de Londrina trabalharam com os alunos sobre os aspectos físicos, econômicas e sociais da cidade de Londrina, como havia sido discutido no grupo de apoio.

## Anexos 1

Nome: \_\_\_\_\_, série: \_\_\_\_\_, idade: \_\_\_\_\_

- 1) O que é moderno para você nos dias de hoje? Escreva sobre isso.
- 2) O que você acha que era moderno na época que Londrina foi fundada (década de 1930) ?
- 3) Para você, para que serve o que não é considerado mais moderno?
- 4) Onde você acha que estão as coisas que não são modernas?
- 5) Você acha que o trem é moderno hoje em dia ou já foi moderno no passado? Escreva por quê.
- 6) Elabore uma narrativa história sobre o que você sabe sobre a história de Londrina.

## Anexo 2

Questionário – Responda em duplas

- 1- Explique, com suas palavras, o que querem mostrar as fotos abaixo.
- 2 – Quem você acha que são as pessoas que aparecem nas fotos?
- 3 – Você acha que existe diferença entre a Londrina do passado e hoje? Quais?
- 4 – Como você acha que vivia as pessoas do passado em Londrina?
- 5 – Como você acha que vive as pessoas de Londrina hoje?
- 6 – Quais os meios de transporte que existia no passado em Londrina? E hoje eles ainda existem?
- 7 – Você acha que as pessoas do passado tinham uma vida melhor ou pior do que a nossa? Explique?
- 8 – Você acha que somos diferentes das pessoas do passado? Em quê?
- 9 – Elabore um texto narrando a história de Londrina através das fotos que analisamos.

Fotos da cidade de Londrina – Da ocupação aos dias atuais

LONDRINA - 1934



LONDRINA  
A –  
PRIMEIRA  
ESTAÇÃO  
DE TREM  
– 1935

LONDRINA  
– 1938



Londrina



## Estação de Trem



LONDRINA HOJE



Fonte: CDPH da UEL – Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina

Nome: \_\_\_\_\_ idade: \_\_

ANÁLISE DAS IDEIAS TÁCTAS DOS ALUNOS			
CONCEITOS ALTERNATIVOS		CONCEITOS HISTÓRICOS	
Subjetivos	Senso-Comum	Aproximados	"Científicos"
1			
3			
4			
5			
6			
7			

Conceitos subjetivos: aqueles que se afastam do conceito substantivo em questão (modernidade)

Senso Comum: o que é de domínio de todos

Conceitos Aproximados: consideram-se as respostas que não eram erradas relativamente ao conceito, não podemos afirmar que estivessem cientificamente incorretas, mas o conceito não aparece ainda suficientemente estruturado

Conceitos históricos: pode ser que nesse momento o conceito ainda não está construída de uma forma elaborada, situadas num nível muito simples a nível do conteúdo e a linguagem usada, utiliza-se de um discurso curto.

\_\_\_\_\_ Marcha para o oeste: caminhos da memória. In **História Revista**, Revista do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História. / Universidade Federal de Goiás. Goiânia: Editora do Mestrado em História, v. 9, n. 1, jan/jun.2004.p 35-56.

CAINELLI, Marlene. **Educação Histórica: ensinando e aprendendo história no ensino fundamental** :Texto Mesa Redonda apresentado no VIII encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no período de 28 a 31 de julho de 2008.

**DIRETRIZES CURRICULARES DE HISTÓRIA**. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Ensino Básico, 2008.

DITZEL, Carmencita de Holleben Melo e SAHAR, Cícilian Luiza Löwen. In **Espaço e Cultura**: Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2001.

GONÇALVES, Maria de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria. Et all (org.) **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2007. 175-185.

FERREIRA, Arminda; DINIS, Celeste; LEITE, Eduarda; CHAVES, Fátima. O conceito de renascimento: uma experiência educativa com alunos de 8º.ano. In. BARCA, I.(org.).**Para uma educação histórica com qualidade**. Braga: Uminho, 2004,p.147-166.

KROETZ, Lando Rogério. **As estradas de Ferro do Paraná, 1880-1940**. Dissertação de Doutorado: Universidade Federal do Paraná, 1997.

MAIA, Deise. **Abaixo da Linha: Casoni, uma vila da cidade de Londrina**. Dissertação de Mestrado apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993.

MENEZES, Leila Medeiros de e SILVA, Maria Fátima de Souza. Ensinando História nas séries iniciais: Alfabetizando o olhar. In: MONTEIRO, Ana Maria. Et all (org.) **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2007.215-228

OLIVEIRA Sandra Regina Ferreira de: **O Cotidiano Escolar como categoria central nas investigações sobre o conhecimento histórico** . Apresentado no VIII encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no período de 28 a 31 de julho de 2008

ORTA, Daniel Augusto Arpelau. Nos trilhos da cultura ferroviária: documentos de arquivo familiar no ensino de História. In. **Revista e Ensino**. Revista do Laboratório do Ensino História. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina: Ed. UEL, 1995. Vol. 13 p. 71-90



PAIM, Elison Antonio e PICOLLI, Vanessa. Ensinar história regional e local no ensino médio: experiência e desafios. In. **Revista e Ensino**. Revista do Laboratório do

Ensino História. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina: Ed. UEL, 1995. Vol. 13 p. 107-128

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimo. In **Uma Ferrovia entre dois Mundos.**: A E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20. Bauru, SP: EDUSC; Campo Grande, Ed. UFMS, 2004

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de História Local e os desafios da formação de consciência histórica.. In: MONTEIRO, Ana Maria. Et all (org.) **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2007. 187 - 198

SCHMIDT, Maria auxiliadora e CAINELLI, Marlene. In **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004

ISTECA, Lucinéia Cunha e FLORES, Mariléia Dias. In **História do Paraná**: do século XVI à década de 1950. Londrina-PR: Ed. UEL, 2002. Edição não revisada.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: História Fantasmagórica. Tese de Doutorado, Curitiba, UFPr, 1997.